

# FILHAS DO TESTÍCULO ESQUERDO

Clara Pinto Correia

Vice-Reitora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Departamento de Ciências Lógico-dedutivas e Naturais

Todos nós estamos mais ou menos conscientes das teorias mais ou menos imaginativas que a ciência moderna produziu para provar “cientificamente” a inferioridade das mulheres, da era Vitoriana aos nossos tempos, incluindo as “medidas cerebrais” do passado e a “sociobiologia” do presente. Mas esta preocupação em legitimar um estatuto de menoridade através de um discurso científico é uma tradição muito antiga – muito mais antiga que a invenção da palavra Ciência. O que me parece ainda mais interessante é que esta obsessão não é só antiga: é verdadeiramente trans-histórica, com diferentes manifestações do mesmo tema em culturas que nunca estiveram em contacto umas com as outras. Deve existir uma necessidade filosófica muito forte de menozizar as mulheres através de postulados respeitáveis, no nosso mundo e no mundo dos outros. Neste contexto gostaria de explorar alguns aspectos parcelares que ilustram esta tendência na civilização ocidental, com raízes na Antiguidade clássica e ainda de boa saúde durante a Revolução Científica, deixando-nos um legado que poderá ser muito subtil mas que continua a permear as nossas atitudes. Havia muito por onde escolher, mas, a título de exemplo, escolhi:

- 1 – O testículo esquerdo
- 2 – O sangue menstrual
- 3 – O “hermafrodita canónico”
- 4 – A Telegonia, ou teoria das Impressões Maternais

## Testículo esquerdo

A ideia aparece já explícita desde os tempos de Moisés: os rapazes são fruto do sumo do testículo direito, e as raparigas, do esquerdo (assumia-se que só um testículo operava em cada ejaculação). Isto porque o testículo esquerdo é o mais pequeno e o mais fraco.

Hipócrates e Galeno mantêm esta ideia, também atribuída a Aristóteles, embora este tenha sido menos explícito sobre a matéria – mas, no raciocínio Europeu medieval e Renascentista, tudo o que era verdade tinha que ter atribuído a Aristóteles.

Livros académicos e de divulgação popular do período da Revolução Científica propagam esta ideia, o que é ilustrado pelos seguintes exemplos:

Exemplo dum livro popular :

Do livro *The Secrets of Nature Revealed*, à venda em 1754, pretensamente atribuído a Michael Scott: o rapaz é concebido no lado direito do útero e a rapariga no lado esquerdo.

“Conheci um soldado que, tendo-lhe sido amputado o seu testículo esquerdo, num hospital de Antuérpia, teve depois disso dezasseis filhos, todos rapazes. E, para fazer uma experiência exactamente oposta, cortei o testículo direito a um cão, e fi-lo copular com diversas cadelas, tendo toda a descendência gerada sido sempre feminina.”

## Filhas do Testículo Esquerdo

Exemplo dum livro científico, considerado hoje a base fundadora da Ciência Ortopédica:

Nos capítulos 2 e 3 do *Orthopaedia* de Nicolas Andry, traduzido para inglês em 1743, a respeito das precauções a tomar pelas esposas no momento da concepção: “A Quinta Regra é para a mulher, a quem aconselha a ficar deitada para o seu lado direito durante a concepção, se desejar ter um rapaz. A Sexta Regra é para o marido, dizendo-lhe que deve ter o cuidado de executar a função apenas com o testículo direito, se quiser ter um rapaz, pelo que deve atar muito bem o testículo esquerdo com uma corda.”

Isto tem a ver com outros aspectos relacionados com a direita e a esquerda e aqui começa a ver-se que a dicotomia é implicitamente uma dicotomia entre o Bem e o Mal:

- as mulheres sofrem menos durante a gravidez se estiverem grávidas de um rapaz.

- o prazer das mulheres é muito mais intenso durante a cópula se o sémen vier do testículo esquerdo.

- a gota de leite de uma mulher grávida deitada para uma bacia com água espalha-se pelo fundo da bacia se o feto for feminino; mas mantém-se intacta e flutua à superfície da água se o feto for masculino.

- ideia aristotélica de que o sexo da progenia é determinado pelo calor da cópula: quanto maior a paixão, maiores as hipóteses de o bebé ser um rapaz. Aristóteles aconselhava os homens de idade avançada a copularem de preferência no Verão, para terem uma progenia masculina.

Ou seja, do lado bom temos a direita e o calor, do lado mau temos a esquerda e o frio. Não esqueçamos a origem do nosso adjectivo “sinistro”: vem do latim “sinister”, para “esquerda”.

Pela mesma ordem de razões, e provavelmente porque o número de canhotos na população do globo foi sempre significativamente minoritário:

- no dia do juízo final, os pecadores sentam-se à esquerda de Deus.

- algumas versões do Genesis, Adão era inicialmente um ser hermafrodita, cujo lado direito era masculino e o esquerdo feminino.

- para os oráculos gregos, a direita era o lado dos bons presságios.

- durante o período escolástico medieval, em perfeita sintonia com a dicotomia aristotélica, desenvolve-se a associação entre mal-esquerda-frio e escuridão. A direita pelo contrário, associa-se ao bem, ao calor e à luz. Isto implica que o lado esquerdo é também o lado satânico. Nas misas negras, os participantes benzem-se com a mão esquerda. O diabo marca as crianças que lhe são destinadas tocando-as com um corno sobre o olho esquerdo.

Exemplos semelhantes são igualmente revelados por outras culturas:

- Os Bambaras africanos associam a direita à ordem, perícia, trabalho e fidelidade; e a esquerda à desordem, incerteza, e flutuações na Natureza humana.

- Segundo os ritos funerários do Dogão, os homens são enterrados virados para a direita, e as mulheres, para a esquerda.

- Nos rituais mágicos do hinduismo, só se roda o corpo para a esquerda quando se pretende invocar um espírito malévolo.

- Curiosamente, esta dicotomia aparece invertida em países do Extremo Oriente, como a China e o Japão, onde o lado positivo é representado pela esquerda, e o lado negativo, pela direita. Mas, em ambos os casos, agora é a esquerda que simboliza a masculinidade...

### Sangue menstrual

Este é um dos mais antigos dos medos e um dos mais persistentes dos tabus. Alguns exemplos fora da nossa cultura:

Os Macusi da Guiana Britânica proibiram as mulheres de se banharem durante a menstruação para não envenenarem as águas e proibiram-nas de irem para a floresta para que não fossem mordidas por “serpentes enamoradas”, Segundo uma citação no livro de Arthur William Meyer *The Rise of Embriology*.

“Os Siameses, que pensam que os espíritos maus pululam no ar, acreditam que são estes espíritos que gozam os primeiros frutos das suas raparigas e que provocam a “ferida” que se renova todos os meses, uma “ferida” de que resulta e de que é prova o sangue menstrual. É o contacto com este mesmo sangue que os Maoris temem. Os Maoris identificam o sangue menstrual com um espírito maligno, o Kahukahu”.

Nas lendas dos índios brasileiros, contadas por Freitas Mourão, no seu livro de 1984, *Astronomia do Macunaíma*, surge um outro tipo de malvez atribuída ao sangue menstrual:

“O Sol, Vei, e a Lua, Capei, eram bons amigos e andavam sempre juntos. Capei era um jovem índio, forte e com uma face limpa e bonita. Um dia apaixonou-se por uma das filhas de Vei e brincou com ela durante a noite. Vei não queria que os jovens casassem e, por isso, obrigou a sua filha a molhar a cara de Capei com o seu sangue menstrual. Daí em diante Vei e Capei odiaram-se e é por isso que surgem nos dois extremos do Céu, tão longe um do outro quanto possível. Esta é também a razão pela qual a Lua, Capei, tem agora manchas escuras na sua face outrora tão atraente.”

Por todo o mundo, as relações sexuais têm sido tradicionalmente proibidas durante o período menstrual, e o feitiço da impureza chega ao próprio nascimento, o qual é frequentemente considerado sujo, sujeitando portanto a mulher a uma série complexa de ritos de purificação subsequentes.

No livro atribuído a Michael Scott, a menstruação aparece associado aos ciclos lunares. Afirmações deste tipo nunca são inocentes, porque põem as mulheres directamente sob a influência das forças da Natureza, o que as torna mais indomáveis e perigosas. O que é bem demonstrado pelos poderes que Scott atribui ao sangue menstrual:

- Se o útero estiver demasiado cheio de sangue, a criança nele concebida será leprosa.

“a descarga das regras mensais é tão perniciosa que se deixarmos um cão lambê-la, fica imediatamente delirante e sarmento; uma planta verde que seja regada com este sangue, imediatamente definha e morre”.

Do livro de Jean Palfyn *Description Anatomique des parties de la Femme qui servent à la generation*, século XVIII:

“Alguns autores concordam com Plínio, quando diz que não há nada mais monstruoso do que este sangue. O seu vapor, ou o seu toque, são suficientes para azedar o vinho novo, para tornar estéreis as sementes, para matar as flores das árvores e para fazer cair os frutos secos. Diz que o vidro dos espelhos fica baço só com a sua presença, que o aço mais duro se torna macio, que a beleza do marfim desaparece, as abelhas morrem e o ferro enferruja, até o ar fica infectado. Outros dizem que uma mulher pôs sangue menstrual num bolo e deu-o a comer a um homem, esperando que funcionasse como uma poção de amor, mas o homem morreu envenenado. Alguns camponeses acreditam que as mulheres menstruadas podem matar animais apenas com o olhar e que, por este meio, estas mulheres podem até matar o basilisco.”

Mas reparem como é diferente o que Plínio escreveu *realmente* na *História Natural*, no primeiro século da nossa era:

“Esta descarga, que produz efeitos tão singulares e fantásticos, ocorre todos os trinta dias nas mulheres e, num grau ainda maior, todos os três meses. Em algumas mulheres ocorre mais do que uma vez ao mês, e noutras nunca chega a ocorrer de novo. As mulheres deste tipo, porém, não são capazes de terem folhos, porque as crianças formam-se a partir desta substância. A semente do macho, agindo como uma espécie de fermento, faz com que se una e com que assuma uma forma, que na altura devida adquire vida e assume uma forma corpórea.”

### O hermafrodita canónico

Pelos exemplos dados até agora estamos já a ver um padrão a desenhar-se: as mulheres não são realmente um sexo separado, mas apenas uma forma imperfeita de masculinidade.

Foi Eva que saiu da Costela de Adão, e não Adão da costela de Eva. Mas isto também é claramente exemplificado nalguns mitos da criação não europeus, como por exemplo, este caso em que a mulher é um composto de restos:

Na mitologia hindu, quando Tashtri, o Artífice Divino, chegou à criação da mulher, descobriu que tinha gasto todos os materiais a fazer o homem, e não lhe tinha sobrado nenhum elemento sólido. Para ultrapassar este problema, construiu-a com os restos e as sobras da criação:

“Pegou na rotundidade da Lua, nas curvas das trepadeiras, e nos pés das guias, e no tremor do vidro, e na delicadeza do junco, e no desabrochar das flores, e na leveza das folhas, e na magreza da tromba do elefante, e nos olhares do veado, e no amontoado dos favos das abelhas, e na alegria dos raios de sol, e no pingar das nuvens, e na falsidade do vento, e na timidez

da lebre, e na vaidade do pavão, e na suavidade da penugem do papagaio, e na dureza da rocha, e na doçura do mel, e na crueldade do tigre, e no brilho quente do fogo, e na frieza da neve, e no pigarrear das araras, e no gorgulhar do *kokila*, e na hipocrisia do flamingo, e na fidelidade da *chakravaka*; e, misturando tudo isto, fez a mulher, e deu-a ao homem.”

Segundo Aristóteles, as mulheres eram homens cujo desenvolvimento tinha parado cedo de mais: “machos mutilados”, incapazes de se desenvolverem completamente porque o frio do útero da mãe era mais forte do que o calor do sêmen do pai. Nesta versão amplamente aceite, as mulheres eram naturalmente mais frias e mais passivas do que os homens, e os seus órgãos sexuais não tinham sofrido maturação até ao ponto de serem capazes de produzir semente activa. A Igreja Católica parece ter adoptado com agrado esta descrição, e Galeno, que lançou as ideias anatómicas que viriam a prevalecer mais de mil anos no Ocidente, deu-lhe um enquadramento ainda mais sólido ao escrever, no ano 200:

“Tal como o Homem é o mais perfeito de todos os animais, também dentro da espécie humana o homem é mais perfeito do que a mulher, e a razão para esta perfeição reside no excesso de calor, pois o calor é o primeiro instrumento da Natureza... A mulher é mais imperfeita do que o homem no que respeita às partes de geração. Pois estas formaram-se dentro dela quando ainda era um feto, mas, devido ao calor em defeito, não puderam emergir e projectar-se para o exterior.”

Os autores de “ciência popular” da Revolução Científica exploraram repetidamente este tema, incluindo o uso de nomes menos dignificantes para as partes externas do aparelho genital feminino, tiradas sobre como gónadas masculinas eram mais perfeitas que as femininas, e descrições extensivas (várias páginas) do clitóris como um pequeno pénis interno. Outro tema que ocupa grande parte destes tratados é a descrição de técnicas para verificar a verdadeira virgindade das mulheres.

Entre os métodos considerados “incertos” encontramos prescrições do tipo: “se se tirarem sementes de ópio sobre brasas ardentes e uma rapariga que foi desflorada respirar os seus vapores, vê coisas maravilhosas: se a rapariga, pelo contrário, for casta, não verá nada de extraordinário”; ou “desde que a virgindade não tenha sido desafiada, uma virgem será imune às picadas das abelhas mais furiosas”. As provas mais “seguras” incluem a presença do hímen e a dor que a mulher sofre na noite de núpcias.

Mesmo quando as mulheres são tratadas com maior respeito, é sempre na categoria de acessórios do homem:

“A mulher, junto do homem, a parte mais nobre da Criação, é sangue do seu sangue e carne da sua carne, espécie de um segundo eu. E, quando casados, são um só, pois, tal como diz o poeta:

*Man and his Wife are but one right  
Canonical Hermaphrodite*

(O homem e a sua mulher são um só, e único, Hermafrodita Canónico).

Esta ideia da mulher como acessório, concessionária da ideia da mulher como homem invertido, foi largamente glosada durante a Idade Média e a Renascença.

Durante este período surgiram também várias figuras da anatomia genital feminina, onde os ovários e o útero eram representados como imitações invertidas e interiores dos testículos e do pênis. Curiosamente, uma das figuras mais famosas e mais frequentemente reproduzidas foi apresentada em 1543 por Andreas Vesalius (1514-1564), o famoso anatomista de Pádua que contestou muitos dos ensinamentos anatômicos de Galeno e – pelo menos segundo a lenda – arriscou nesse processo a retaliação da Igreja por afirmar que o homem e a mulher tinham o mesmo número de costelas. Nos dois trabalhos mais importantes de Vesalius, *De Humani Corporis Fabrica* e *Tabulae Sex*, as gravuras da anatomia genital feminina representam-na como um desenvolvimento interno dos órgãos genitais externos do macho.

E as justificações científicas andaram sempre *pari passu* com estes conceitos. Em 1774, o suíço Abraham Trembley descobriu o sistema de reprodução vegetativa na hidra, e logo a seguir o naturalista inglês JT Needham declarou que fôra assim mesmo que Eva saíra da costela de Adão:

“O corpo da primeira mulher não se formou a partir da terra, ao contrário do corpo do seu marido, mas ela foi sim gerada a partir dele por propagação vegetativa acelerada, alimentando-se da sua substância durante o sono, até que se separou num estado de perfeição, tal como o que é observado entre os pólipos de água doce jovens e os corpos organizados do mesmo tipo.”

Enfim, tudo isto pode ser sumarizado num pequeno poema inglês de finais do século XVIII:

Os segredos das mulheres, a preceito estudei  
 E como são curiosamente feitas, revelei:  
 E embora de diferente sexo pareçam ser,  
 Afinal parecem o mesmo que nós ter:  
 Pois os investigadores mais rigorosos e menos perdulários  
 Viram que as mulheres não passam de homens ao contrário:  
 E os homens, se virmos bem, sem que ninguém os meça,  
 São como mulheres, mas vice-versa.

O que é engraçado é que nós sabemos hoje que, pelo menos os mamíferos, todos os embriões começam o seu desenvolvimento segundo um arquétipo feminino: sem a presença do cromossoma Y nas células, e a consequente entrada em circulação da testorona e de factores masculinizantes que lhes estão associados, todos os mamíferos seriam fêmeas.

### Telegonia

Esta teoria baseia-se no já mencionado domínio da mulher pelas forças da Natureza, o que torna a sua imaginação uma arma poderosa na modelação do feto. A ideia de que a criança se parecerá tanto mais com o

pai quanto mais a mulher estiver a pensar nele durante a cópula – e, para esse efeito, quanto mais jovem a mulher melhor – aparece outra vez em numerosos tratados populares da Revolução Científica. O cirurgião francês Ambroise Paré, que, no século XVI, publicou um tratado intitulado *Monstros e Maravilhas* que pode ser considerado um dos primórdios da organização da Teratologia, tinha muitas coisas para dizer a este respeito.

“Quantas pessoas não vemos nós que têm em suas faces ou em outras partes do corpo a forma de uma cereja, de uma sorva, de um figo, ou de uma amora, cuja causa sempre tem sido referida como sendo a imaginação muito poderosa da mulher grávida movida por um apetite veementemente, ou pela aparição inesperada de uma destas frutas; da mesma maneira que vemos algumas pessoas nascidas de tais imaginações tendo em alguma parte do corpo a forma e substância da pele do toucinho, outros de um rato, outros de um caranguejo, outros de um linguado e outros ainda; o que não está para além da razão dada a força da imaginação, juntamente com o poder conformacional, e a macieza do embrião, pronto, qual cera mole, a receber qualquer forma. Se quisermos examinar todos os que se encontram assim marcados, descobriremos que as suas mães, durante a gravidez, foram movidas por um tal apetite ou acontecimento. Notemos de passagem quão perigoso é perturbar uma mulher grávida, mostrar-lhe ou lembrar-lhe um alimento que não possa saborear de imediato, e evidentemente mostrar-lhe animais, ou mesmo retratos deles, quando estes são deformados e monstruosos.”

Estes casos eram certamente tomados muito a sério no século XVI, pois, logo após esta explicação, o estudioso cirurgião sente-se compelido a acrescentar: “Por isso espero que venham a objectar que é precisamente por isso que não devia ter inserido nada deste género no meu livro sobre a reprodução.” Em sua defesa apenas diz uma frase simples e áspera: “Não escrevo, de maneira nenhuma, para mulheres.”

Tendo feito este aviso, Paré dedica-se a escrever um capítulo inteiro sobre os “Monstros que são criados pela imaginação”. O parágrafo de abertura pretende tornar esta ideia respeitável através das opiniões “dos antigos que procuraram os segredos da Natureza” (Aristóteles, Hipócrates e Empédocles) que diziam que as causas par o nascimento de crianças monstruosas eram a “imaginação obstinada e ardente que a mãe pode receber no momento da concepção – através de algum objecto ou sonho fantástico – ou certas visões nocturnas que o homem ou a mulher têm na altura da concepção”. O inventário de Paré incluía a descrição de Heliodoro de como Persina, rainha da Etiópia, grávida de Hidustes, o rei etíope, tinha dado à luz uma criança branca, e “isto ocorreu devido à aparência da bela Andrômeda que imaginou, pois tinha um retrato dela ante os seus olhos durante o acto do qual resultou a sua gravidez”; o relato de Damasceno de uma rapariga que nasceu peluda como um urso, devido ao facto da sua mãe ter olhado intensamente para a imagem de S. João Baptista vestido de peles, juntamente com os seus pêlos e barba, “cujo retrato estava colocado aos pés da sua cama”; e a declaração de Hipócrates de que uma princesa que deu à luz “uma criança negra como



um mouro, tendo ela e o seu marido pele branca” não foi julgada culpada de adultério, mas apenas impressionada pelo “retrato de um mouro, semelhante à criança, que estava normalmente junto da sua cama”.

Conseqüentemente, conclui Paré, “é necessário que as mulheres – na altura da concepção, e quando a criança não está ainda formada – não sejam forçadas a olhar para, ou a imaginar coisas monstruosas”. A não observância desta regra poderia levar a deformações como a de um monstro “com as quatro patas de um touro, os olhos, a boca e nariz semelhantes a um bezerro”; ou ao nascimento de uma criança com a cara de um sapo, porque, tal como o pai explicou aos médicos:

“A sua mulher teve uma febre, uma das vizinhas aconselhou-a a pegar num sapo vivo e a agarrá-lo até que o dito sapo morresse. Nessa noite foi para a cama com o seu marido, ainda com o sapo na mão; o marido e ela tiveram relações e ela concebeu; e, pelo poder da sua imaginação, este monstro foi então produzido.”

Temas semelhantes foram retomados no século XVII por obras tão importantes para o pensamento moderno como *A la recherche de la vérité* de Nicolas Malebranche, ou, no século XVIII, no tratado de *Ortopedia* de Nicolas Andry.

### Conclusões

Perante esta evidência, não podemos acusar a ciência (e os cientistas) modernos por se terem apropriado de uma actividade intelectual que gostamos de considerar acima de todas as imperfeições da natureza humana e de a terem transformado, uma vez e mais outra, numa arma de discriminação sexual. Muito antes de a ciência se chamar ciência, aquelas que também ainda não se chamavam cientistas tinham já encaixado este caminho. Quer a gente goste ou não da ideia, a civilização que herdámos foi modelada pelos homens. Há pelo menos uma espécie de justiça poética em pensar que os homens tiveram sempre um tal terror das mulheres que precisaram de racionalizar os seus medos através de uma longa herança de deambulações filosóficas.

### Referências bibliográficas

- ANDRY du Bois Regard, Nicolas: *Orthopaedia, or the Art of Correcting Deformities in Children*, facsímile reprodução da 1.ª edição em inglês, Londres, 1743. Filadélfia: Lippincott, 1961.
- MALEBRANCHE, Nicolas: *De la recherche de la vérité ou l'on traite de la nature de l'esprit de l'homme, & de l'usage qu'il doit en faire pour éviter l'erreur dans les Sciences – Septieme édition, revue & augmenté de plusieurs Eclaircissements*. Paris: Christophe DAVID, 1972.
- MEYER, Arthur William: *The Rise of Embryology*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1939.
- MOURÃO, Freitas e Ronaldo ROGÉRIO: de. *Astronomia do Macunaíma*. Baía, Brasil: Francisco AVES, 1984.

NEEDHAM, J. T.: *Observations on the generation, composition and decomposition, of animal and vegetable substances*. Londres, 1749. (Resumo em *Philosophical Transactions of the Royal Society of Londres* 45 (1750): 615.

PALFYN, Jean: *Description Anatomique des Parties de la Femme qui servent a la Génération avec un Traité des Monstres, de leurs causes, de leurs Nature, & de leurs differences Et une Description Anatomique de la disposition surprenante de quelques Parties Externes & Internes de Deux Enfants Nés dans la ville de Gand, Capitale de Flandres le 28 Avril 1703. Etc. Etc. Lesquels ouvrages on peut considérer comme une suite de L'ACCOUCHEMENT DES FEMMES par M. Mauriceau. Avec figures*. Leiden: Veve de Bastiaan Schouten. 1703.

PARÉ, Ambroise: *On Monsters and Marvels*. Tradução, introdução e notas de Janis L. Pallister. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

PLÍNIO: *Natural History*. Tradução de H. Rackham, editado por G. P. Goold. Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1983.

*The secrets of Nature Revealed, or the Mystery of Procreation and Copulation considered and Explained Translated from the Original Latin of the Celebrated Michael Scotus and by him Written, for the use of the Emperor of Germany. In which many vulgar and pernicious errors are corrected, and Many wholesome and Salutary Directions Given with Regard to the Conduct of the Marriage-Bed, Being a Work Necessary to Be read by all Married people, and one which May Produce the Greatest Good to Society in General. To which are added Safe and Certain Methods for Curing impotency in Men and Barrenness in Women*. Vendidos pelos Booksellers de Londres e Westminster, ca. 1730.

TREMBLEY, Abraham: *Mémoires pour servir à l'histoire d'un genre de polypes d'eau douce à bras en forme de cornes*. Leiden: Jean & Herman Verbeek, 1744.